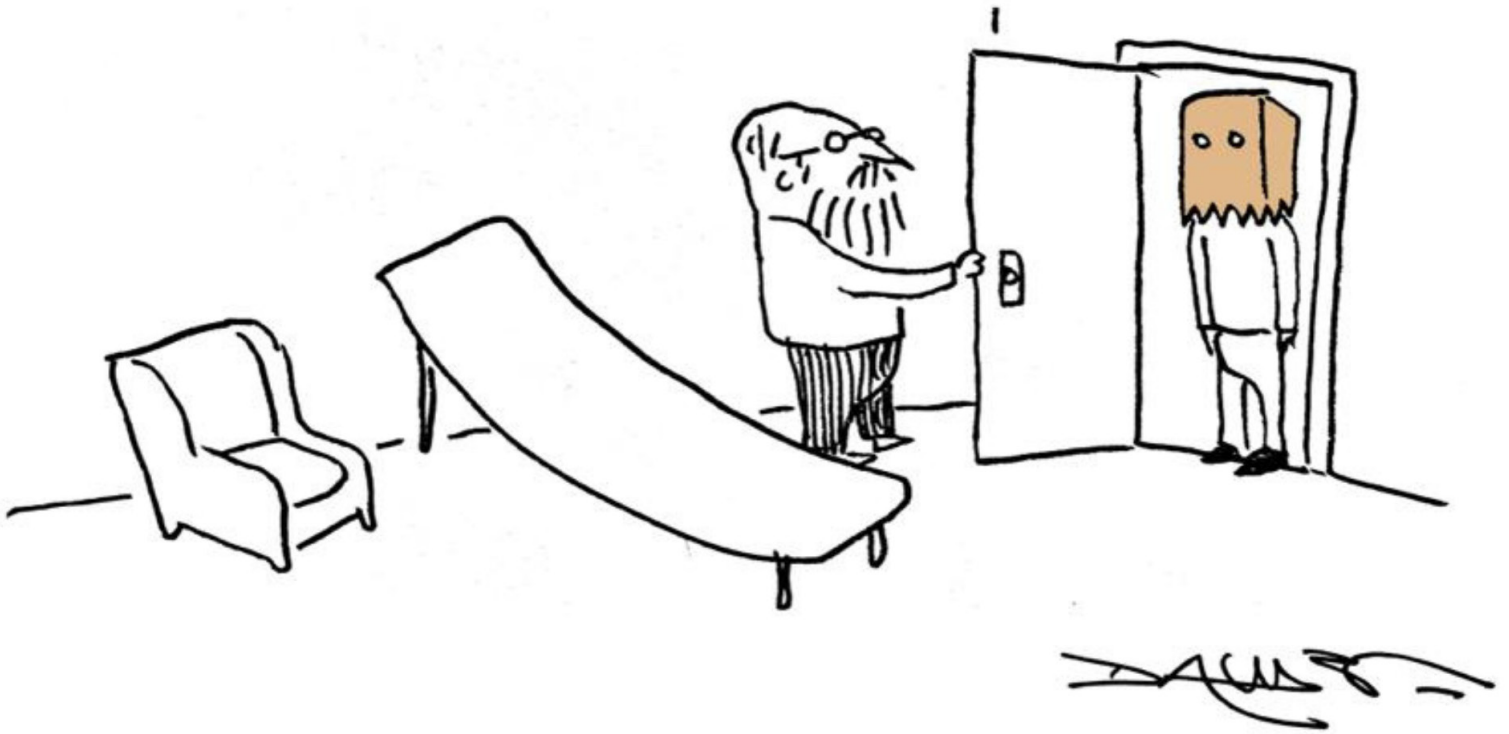


# INTERVALO ANALITICO



André Dahmer. *Sem título*, 2023.

## MATÉRIA DA CAPA

### *Vergonha*

"Essa presença não pensada da vergonha é fator que pode desencadear poderosas resistências ao fluxo associativo no processo analítico."

Por *Marina Kon Bilenky*  
página 4

## FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

### *Entrevista com Maria Luiza Gastal*

"Os institutos de Psicanálise precisam começar a pensar sobre como incluir o tema ambiental e a crise climática nas formações, juntamente com outros, como o racismo."

Por *Carlos Pires Leal*  
páginas 5 e 6

## PSICANÁLISE & CIA

### *Nara Vidal*

"A escrita me proporciona a fantasia de produzir e criar e, por outro lado, me dá rasteiras impensáveis, me mostra que é uma atividade sempre em construção. Ou seja, uma forma que não chega a lugar nenhum. Escrevo pelo engano, pela tentativa, pelo desejo."

Por *Tiago Mussi*  
páginas 10 e 11

## DIVAGAR É PRECISO

### *Entren nuvens*

"Era umavezumpovoado da Itália. Naquele tempo, havia o fascismo – naquele tempo."

Por *Maria Noel Brena Sertã*  
página 12

# A dor que não diz seu nome



Abrindo os trabalhos de 2023, nosso jornal traz o tema Vergonha, presente em suas diversas vertentes e apresentações na atualidade. Para além da concepção de que a Vergonha seria uma emoção eminentemente narcísica, se comparada à culpa, como a definiu Freud, o psicanalista e doutor em Psiquiatria Julio Vertzman em seu artigo Vergonha, Honra e Contemporaneidade, lança mão de autores exteriores à Psicanálise para ampliar o conceito e relacioná-lo com a noção de Honra, trazendo à luz a importância ética da Vergonha e mostrar que, nos dias atuais, a mesma, desatou-se da Honra e uniu-se aos ideais de performance pessoal e da capacidade de consumo.

Nossa convidada para comentar a Matéria de Capa desta edição é Marina Bilenky, psicanalista e membro efetivo da SBPSP, autora do livro "Vergonha", da série "O que fazer?", da Editora Blucher. Marina nos mostra as várias facetas da Vergonha, tanto como guardiã da dignidade e protetora da intimidade, quanto força castradora e, para isso, lança mão de sua experiência clínica, apontando a emergência de resistências ao fluxo associativo no processo analítico. Se faz acompanhar de Annie Ernaux, prêmio Nobel de Literatura, e suas vivências retratadas no livro que leva o nome do nosso assunto.

Ruth Naidin, presidente eleita para a gestão 2023/2024 do Conselho Diretor da Brasileira, nos fala, na coluna Palavras da Presidente, das tantas tarefas e responsabilidades que o cargo exige, dentre elas a de dar continuidade às ações afirmativas pioneiras instituídas no Conselho anterior.

O colega Carlos Leal, membro efetivo da SBPRJ, é o novo colaborador do nosso jornal

e estreou com brilho, entrevistando para a coluna Fazendo Parte da Psicanálise a psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília Maria Luiza Gastal, ex-bióloga e participante do Comitê do Clima da IPA. Respondendo às questões levantadas, Maria Luiza discorre sobre a importância da participação dos psicanalistas no debate e enfrentamento da questão climática e advoga que os Institutos de Psicanálise comecem a incluir esse tema nas formações, juntamente com outros, como o racismo. Luiza afirma que a crise climática é a crise do Capitalismo e que estamos imersos nessa crise, econômica e subjetivamente, demonstrando que Política e Psicanálise não são saberes excludentes.

Luiz Fernando Gallego, em Psicanálise e Cinema, nos convida a pensar as diversas faces da Vergonha e sua irmã mais "evoluída", a superegoica Culpa. Bergman e Kohut são os convidados da hora e de honra para falar do Sujeito Culpado e Sujeito Trágico, cada um a partir do seu saber. O texto tem beleza e intensidade e mereceria um encontro científico para aprofundá-lo. Fica aqui a sugestão. A Coluna do Instituto traz Haydée Côrtes de Barros, membro efetivo da SBPRJ, que nos conta, com delicadeza, sua experiência inaugural e transgeracional, falando do seu ingresso em nossa instituição. Um texto carregado da força do afeto e da aposta na fraternidade. Muito bom de ler.

Daniel Senos, membro provisório, doutor em Psicologia e professor da PUC-Rio, aborda no Espaço dos Membros Provisórios e Alunos em Formação os desencontros das interações, quando da apresentação das crianças ao universo da sociabilidade e a vergonha que pode advir de uma abordagem equivo-

cada e intrusiva por parte do mundo adulto e suas consequências diante da ameaça à integridade do *self* infantil.

O coeditor Tiago Mussi entrevista na coluna Psicanálise & Cia a premiada escritora Nara Vidal, que responde com vivacidade às perguntas sobre seu mais recente livro, "Eva", e as vicissitudes e prazeres do ofício de escritora, além de discorrer sobre os temas da vergonha no universo feminino e a violência contra o desejo na mulher, além de enfrentar a pergunta sem resposta: "O que quer uma mulher?", parafraseada pelo entrevistador em "O que quer uma escritora?".

Fechando esta edição, Noel Sertã, membro efetivo da Brasileira e editora da revista **TRIEB**, escreve na coluna Divagar é Preciso, trazendo o primeiro romance de Ítalo Calvino, "A trilha dos ninhos de aranha", ambientado na época da II Guerra Mundial. Nele, o protagonista Pin, uma criança insolente que convive com o mundo do crime, faz Noel pensar na criança de Ferenczi, em seu desamparo primordial, captado pela escrita poética do autor que, mais adiante, ficará patente em seu livro *Cidades invisíveis*.

Continuando sua trilha, Pin se junta a um grupo de partigianos, participa de uma luta e, nas palavras de Noel, alcança "um dos sentimentos mais humanos, profundos e estruturantes que alguém pode ter: o sentimento de pertencimento".

Que 2023 nos propicie oportunidades de boas lutas cidadãs e fortaleça nosso sentimento de pertencimento ao saber, prática e ética psicanalíticas.

Boa Leitura!

// **Sandra Gonzaga e Silva**  
gonzaga.sagon@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

[sbprj.org.br](http://sbprj.org.br)

Siga-nos:

[facebook.com/SBPRJ/](https://facebook.com/SBPRJ/)

[instagram.com/sbprjoficial/](https://instagram.com/sbprjoficial/)

Inscreva-se em nosso canal:

[youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ](https://youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ)

## INTERVALO ANALÍTICO

**Editora:** Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva  
*As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.*

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

**Presidente:** Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Pszczol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Leticia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Roberto Franco



## Espaço para pensar

Já faz algum tempo que eu só escrevo mensagens curtas e objetivas para marcar reuniões, escrever pautas, resumos, enumerar prioridades e assuntos. Desta vez, me deram um espaço maior, e aí pensei: "é também o que eu desejo compartilhar com vocês". Muito espaço!

Desejo que, para além das tarefas das quais não podemos fugir, tenhamos todos espaço para pensar, refletir. Na própria vida, no trabalho, na Sociedade. No que desejamos para seu futuro e como fazer para chegar lá. Depois de dois anos de experiência, o que aprendemos sobre e com o Projeto Social/Racial e a entrada dos alunos não-psis? O que precisa ser mudado? O que precisa ser melhorado? O que precisa ser mantido? Como tornar essa discussão menos ideológica e mais psicanalítica? E sobre a nossa sede, essa casinha velha e querida que nos abriga desde os anos 60 no Humaitá? O que fazer com ela e com os cupins, o mofo, a falta de ventilação? Mas também com a crônica falta de dinheiro que limita as nossas ações? E o que fazer agora que a Covid-19 parece ter dado uma trégua e ousamos pensar em voltar? E desejamos voltar! Precisaremos nos desfazer dela? Conseguiremos mantê-la? Essa é outra discussão polarizada que bem mereceria conselhos de especialistas, enquanto da nossa nostalgia cuidamos nós mesmos. E falando em falta de dinheiro, em breve esperamos ter um quadro nítido da nossa situação financeira para podermos, a partir disso, fazer um orçamento. Isso desejamos que seja amplamente difundido e compartilhado, porque orçamento pressupõe as ideias para onde o dinheiro será destinado. E quem destina o dinheiro somos todos nós. Numa casa de psicanalistas, seria bom termos uma ampla biblioteca. Hoje, talvez, não apenas de livros, mas on-line. Seria bom termos equipamento de qualidade para a transmissão híbrida de aulas e reuniões. Seria bom termos um arquivo em construção permanente e bem acondicionado numa sala refrigerada..., mas como, se até para os alunos e professores

"Muita coisa pra pensar, meia dúzia de sonhos no meio."

faltam salas? Mas como faltam salas, se durante a semana a sede esteve sempre vazia? Seria bom termos uma sala para os alunos bolsistas iniciarem seus atendimentos. Seria bom ampliarmos o alcance dos nossos conhecimentos para pessoas de fora, interessadas na nossa matéria, por meio do Centro

de Estudos. Ofereceríamos cursos pagos para ajudar a compor o orçamento e daríamos algumas bolsas também. Isso divulgaria nosso nome e os nossos nomes e complementaria nossa renda. Seria bom termos pessoal técnico encarregado de alimentar as redes sociais, essas famintas devoradoras de informação, para nos aliviar do trabalho intenso e permanente com elas. Muita coisa pra pensar, meia dúzia de sonhos no meio. Nem preciso recomendar, mas aí vai: é necessário fazer espaço para descansarmos e nos divertirmos. Escrevo essas palavras nessa terça-feira gorda, dia de diversão e descanso, véspera da Quaresma. Nós também estamos às vésperas de recomeçar o ano letivo na Sociedade. Que nos encontrem descansados, dispostos e ainda animados. É agora que começa a folia...

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com



Edward Hopper. *Cape cod morning* (1950).

# Vergonha



*“A vergonha se tornou, para mim, um modo de vida. No fim das contas, já nem percebia sua presença, ela estava em meu próprio corpo.” (\*)*

É no movimento de separar-se de si, ver-se e se ver sendo visto pelo outro que o sujeito se constitui enquanto tal e a vergonha surge como o resto que descortina esse processo. Se por um lado, a vergonha é a guardiã da dignidade e protege da exposição da intimidade, por outro, ela pode funcionar como força castradora, provocando o movimento de esconder, criar máscaras e inibir qualquer movimento ou pensamento que possa desencadeá-la. Se a culpa gera o movimento da confissão devido à esperança de alívio e redenção, a vergonha é mancha na imagem que não pode ser apagada. Para evitar a dor, a solução é manter aqueles conteúdos congelados dentro do psiquismo, envolvidos por camadas de ‘curativo’ em torno da ferida que fica paulatinamente mais inacessível, o que impossibilita a elaboração e o esquecimento.

De natureza narcísica, a vergonha está relacionada com a exposição daquilo que o sujeito sente como rachaduras no delicado equilíbrio entre o que ele é, o que sente que deveria ser (ideal do Eu) e a imagem de si

“Se a culpa gera o movimento da confissão devido à esperança de alívio e redenção, a vergonha é mancha na imagem que não pode ser apagada.”

que imagina ver refletida no olhar do outro. Annie Ernaux, no livro “A vergonha”, relata com minúcias como determinado acontecimento produziu uma fratura dentro dela, rompeu a imagem que tinha de si e de seus pais e que estava de acordo com os ideais veiculados dentro da família e revelou a distância que eles ocupavam em relação à categoria sócio-cultural a que desejavam pertencer. A hiperconscientização dessa imagem que passou a ver refletida no olhar do outro determinou a eclosão de uma vergonha que iria acompanhá-la em sua vida como sensação corporal e não necessariamente acessível ao processo do pensamento.

Essa presença não pensada da vergonha é fator que pode desencadear poderosas resistências ao fluxo associativo no processo analítico. Se a vergonha está presente em gradações leves, ela pode facilmente ser superada pelo desejo de tratar daquela temática, mas quando a situação é mais grave e o uso do mecanismo de cisão é mais prevalente, áreas importantes são evitadas e é difícil encontrar as pistas para acessar aqueles conteúdos. Esses analisandos de-

mandam delicadeza no manejo técnico da situação analítica, uma vez que a revelação dessas vivências converte o analista em testemunha da falha e deflagra intenso desconforto diante de seu olhar, o que pode gerar novos traumatismos.

Observo que analisandos que foram submetidos a abusos físicos, morais e/ou sexuais têm mais dificuldades para revelar seus sentimentos de impotência e submissão do que falar da violência do outro, do fato do abuso em si. A percepção da dessubjetivação que ocorre diante do olhar da testemunha, cria a fratura entre o sujeito e seus ideais e pode levar a um sentimento intenso de vergonha, que impede o fluxo associativo e a entrada no processo de elaboração na análise.

Falar da vergonha, admitir a falha e ser acolhido encoraja o sujeito a entrar em contato e a enfrentar a dor e, conseqüentemente, encontrar alívio ao compartilhar as vivências traumáticas enquistadas em seu psiquismo. Falar das fantasias e crenças que acompanham aqueles acontecimentos possibilita o trabalho do pensar e elaborar necessário para o prosseguimento da análise. Muitas das resistências e dificuldades de dar prosseguimento a determinadas análises são decorrentes da vergonha que vem acompanhada do movimento de isolar certos conteúdos e demandam atenção especial do analista.

(\*) Ernaux, A. “A vergonha”. São Paulo: Fósforo, 2022.

**// Marina Kon Bilenky**

Psicanalista, membro efetivo da SBPSP. Ex-diretora de publicações e divulgação da Febrapsi - 2020-2022. Autora do livro “Vergonha”, da série ‘O que fazer?’ Ed. Blucher. [marinabilenky@gmail.com](mailto:marinabilenky@gmail.com)



Jean-Hippolyte Flandrin. *Jovem nu, sentado à beira do mar* (1836).

# Entrevista com Maria Luiza Gastal

## A Psicanálise e o Meio Ambiente em Crise

Maria Luiza é psicanalista, da Sociedade de Psicanálise de Brasília, ex-bióloga, apaixonada pelo mundo – humano e não-humano, vivo e não-vivo, como ela define. Como bióloga, trabalhou com Ecologia, foi consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Ministério do Meio Ambiente e trabalhou na implementação da Convenção sobre Diversidade Biológica. Dedicou-se à clínica psicanalítica e à transmissão da Psicanálise. É aposentada da Universidade de Brasília, onde orienta alguns estudantes.

### Como/desde quando/por que se interessou pelas questões do meio ambiente?

Minha geração viveu o início da luta ambiental ainda adolescente, quando meu interesse nasceu e me levou a cursar Biologia. Na universidade, em Porto Alegre, participei ativamente de um movimento que buscava impedir a criação de um Polo Petroquímico próximo a Porto Alegre. Perdemos, mas a Comissão de Luta contra o Polo foi, em muitos sentidos, um lugar de aprendizado sobre movimentos sociais, sobre meio ambiente e sobre mim mesma e meu papel no debate sobre um futuro que se configurava como cada vez mais sombrio.

**Você ganhou o prêmio da Revista Brasileira de Psicanálise conferido no XXVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, no ano passado, com o trabalho "Esticando horizontes e estreitando laços entre o humano e o não-humano para permanecer no mundo". O tema foi a crise ambiental compreendida a partir da Psicanálise. Os psicanalistas brasileiros têm se interessado por esse tema?**

Penso que sim. Os psicanalistas brasileiros

têm se interessado mais e mais por temas que demandam um diálogo intenso entre a Psicanálise e a sociedade em geral. As mudanças climáticas estão sob esse guarda-chuva de inquietações. Há um livro muito interessante de uma psicanalista paranaense, Ana Lizete Farias, que discute a intersecção entre Psicanálise e educação ambiental. No âmbito da FEBRAPSI, em particular, tenho sido chamada para conversar em vários encontros – em Brasília, Porto Alegre, Fortaleza, Ribeirão Preto.

### No seu trabalho, você faz uma interessante reflexão sobre as fronteiras e formas de compreender as relações entre natureza e cultura a partir das obras de Freud e Winnicott. Pode nos falar um pouco sobre isso?

Freud foi um homem de seu tempo. Um homem excepcional, é claro, que pode pensar coisas que outros de seu tempo não pensaram. Mas Freud era um moderno, e um dos aspectos da modernidade é a separação sujeito-objeto e natureza-cultura. O sujeito da ciência observa o objeto – a natureza – de fora. Entretanto, não é possível observar o objeto sem que nossa subjetividade entre em cena, e Freud teve um papel importante nessa crítica. Mas ele conservou da modernidade a crença de que a natureza se opõe à cultura. Também acreditava que havia UMA história da humanidade, na qual a cultura ocidental ocupava a seta da flecha. A constituição do sujeito, para Winnicott, é fruto de uma íntima ligação entre natureza (o bebê, em seu início) e cultura (a mãe) e dos fenômenos transicionais que são criados pela dupla mãe-bebê. Nossa cultura moderna enfatiza a disputa, a conquista, o masculino, o que teve forte influência sobre Freud. A partir de Winnicott, podemos pensar novas formas de compreensão do humano e de nossos laços com outros humanos e com

o resto do mundo.

### Outras culturas podem nos oferecer novas maneiras de habitar o mundo?

Sem dúvida. Temos essa presunção de que existe uma História da Humanidade, que conduz inexoravelmente ao modelo de vida do Capitalismo. Mas podemos, com Ailton Krenak, nos perguntar de que humanidade estamos falando quando usamos esse termo. Fui impactada pela leitura de *"The Dawn of Everything"* ("O Amanhecer de Tudo"), resultado de anos de diálogos entre os amigos britânicos David Graeber, antropólogo e ativista, e David Wengrow, arqueólogo. Os dois se propõem a recontar a história da humanidade, desmontando aquela que prevalecia no século XIX de que os humanos do paleolítico seriam todos caçadores-coletores, vivendo em sociedades simples e igualitárias, que só se complexificaram a partir da "invenção" da agricultura. Os autores também desmontam a ideia de que as populações das Américas "descobertas" pelos europeus eram habitadas por selvagens cuja organização social espelharia e seria um resquício do que a "humanidade" (europeia) teria vivido em outros tempos. Graeber e Wengrow salientam que não houve um desenvolvimento gradual da humanidade em relação ao que é, hoje, a civilização ocidental, mas uma miríade de modelos de organização social que revelam que inventamos muitas formas de estar no mundo natural e social. No capitalismo o outro é, fundamentalmente, recurso. Recursos naturais, recursos humanos... Meios de obtermos satisfação a nossos anseios. O capital se apropria da insaciabilidade do desejo, por definição infinita, para o gozo do consumo. O capital transforma a insaciabilidade do desejo e converte o gozo em mais valia. Ele sequestra o desejo, dando-lhe



Maria Luiza Gastal

"O capital (...) sequestra o desejo, dando-lhe a forma de objetivos concretos..."

a forma de objetos concretos que podem ser adquiridos e que são produzidos com o uso de "recursos": o trabalho humano, a vida não humana, o subsolo do planeta...

**Você faz parte do Comitê do Clima da IPA: há quanto tempo, como funciona, quais suas atividades, o que produz, como é possível acompanhar suas atividades?**

O Comitê do Clima existe desde novembro de 2019 e tem se reunido mensalmente no formato online. Alguns entre nós, que residem na Europa, puderam se conhecer pessoalmente, mas o fato de nossas reuniões serem online não impediu que, para além do interesse comum no efeito das mudanças climáticas sobre o psiquismo humano (e sobre a possibilidade de continuidade da vida no planeta), nos aproximássemos afetiva e intelectualmente. Os objetivos do Comitê são: engajar os membros da IPA com as questões climáticas; trabalhar com outros comitês e organizações externas; incentivar os membros a desenvolver o pensamento sobre a crise climática; encorajar o desenvolvimento de melhores práticas psicanalíticas, incluindo a abordagem de questões na clínica; responder a perguntas da mídia e do público sobre como administrar sentimentos de ansiedade a respeito da mudança climática.

**Que contribuição a Psicanálise tem dado para o enfrentamento da crise climática planetária?**

Vários psicanalistas têm se voltado para o tema do enfrentamento da crise climática. Sally Weintrobe, coordenadora do nosso grupo, tem dois livros muito instigantes. O primeiro, *"Engaging with Climate Change"*, foi organizado por ela e tem a contribuição de outros colegas e pessoas de outros campos, em diálogo com a Psicanálise. O outro, *"Psychological Roots of the Climate Crises"*, publicado em 2021 e escrito por ela, faz uma análise muito apro-

fundada das consequências psíquicas e ambientais do excepcionalismo que é a marca do Neoliberalismo, resultado do que ela chama de "cultura do não-cuidado". Cosimo Schinaia, da Sociedade Italiana de Psicanálise, tem um livro traduzido para o espanhol, *"Inconsciente y Emergência Ambiental"*, que é uma obra muito interessante para quem deseja começar a ler sobre o tema. A lista de publicações sobre esta interface entre meio ambiente e Psicanálise, seja de artigos ou de livros, é grande. Muitos psicanalistas têm se debruçado sobre o assunto.

**A crise climática e as questões relacionadas ao meio ambiente têm aparecido na clínica?**

Não vejo o tema aparecendo na minha clínica. Os colegas com quem converso sobre o assunto ainda o veem aparecendo pouco. Os colegas europeus, entretanto, referem uma alta incidência desse tema em sua clínica. Tenho pelo menos duas hipóteses sobre este silêncio em nossa clínica aqui "do lado de baixo do Equador". A primeira é que os nossos pacientes apresentam questões que, embora se relacionem à crise climática, não aparecem como tal. Países do sul, pobres, litorâneos, com grande desigualdade social são os mais atingidos pelas mudanças climáticas, e velhos problemas podem dar a falsa impressão de estarem distantes da crise global. Ainda um privilégio da branquitude, essa agenda, como a Psicanálise, precisa ser descolonizada. Pode ser também que nós, psicanalistas, não estejamos sendo capazes de escutar o que está sendo dito. Essa é uma possibilidade mais grave, e que exige nossa reflexão. Os Institutos de Psicanálise precisam começar a pensar sobre como incluir este tema nas formações, juntamente com outros, como o racismo.

**No livro organizado por Sally Weintrobe, "Engaging with climate change", lemos que entender as respostas humanas às mu-**

**danças climáticas é tão importante quanto – se não mais importante que – entender a própria mudança climática. Como o homem tem respondido à crise climática sob o ponto de vista da Psicanálise?**

Temos enfrentado mal, quando enfrentamos. Subjetiva e coletivamente, prevalece a desmentida. A crise climática é a crise do Capitalismo, e estamos neles imersos, econômica e subjetivamente. O que está na raiz da crise ambiental? Focar em soluções, ainda que importantes, não atacam as raízes da crise – reciclar o lixo, fechar a torneira... Soluções que exigem do sujeito, individualmente, uma dose de sacrifício (como o faz o sintoma neurótico) sem que a causa de fundo seja reconhecida e enfrentada. E há um aspecto particularmente importante do Capitalismo, o pensamento excepcionalista, muito bem descrito no livro de Sally Weintrobe, de 2021. O excepcionalismo está na base do modo de ser da sociedade capitalista, na qual o sujeito é conclamado a se sentir como alguém que se vê como um ideal e que, como tal, pode ter o que quiser e pode lançar mão do pensamento mágico para justificar esses direitos infinitos. Agradeço enormemente o convite para conversarmos sobre esse tema. Espero que ele toque cada vez mais os corações e as mentes dos colegas psicanalistas. Convido a todos que se interessam pelo tema a pensá-lo, a trazer contribuições, a criar saídas para que possamos, quem sabe, sustentar o céu sobre nossas cabeças.

**// Carlos Pires Leal**  
carlospiresleal@gmail.com



# A vergonha, a máscara

*“Às vezes, pareço estar num sonho. Não meu, de outra pessoa. Mas se quem sonhou, ao acordar, sentiu vergonha?!”*



Em um de seus filmes mais sombrios (e não foram poucos), Ingmar Bergman levantou essa questão na fala da personagem de uma violinista que, juntamente com seu marido, músicos em tempos de paz, foram levados de roldão na violência destrutiva de uma guerra (não especificada – qualquer uma, portanto), cometendo atos dos quais jamais se imaginariam capazes. Talvez nesta frase de “Vergonha” (1968), nove anos antes de “Ovo da Serpente” (sobre o pré-nazismo), Bergman tenha expressado seu incômodo por ter sentido admiração juvenil pela Alemanha nazista. Em sua autobiografia, escreveu que tal idealização se dera aos 13, embora tivesse quase 18 anos quando isso aconteceu. O que sugere tal engano?

Freud não deixou de abordar a vergonha em sua obra, ainda que poucas vezes, e no sentido do que Heinz Kohut chamou “O Homem Culpado” do pensamento freudiano: o Édipo que se pune pelo assassinato do pai e incesto com a mãe. A Consciência na primeira tópica e o Superego na segunda são instâncias que induzem vergonha por atos, sejam imaginários, fantasiados ou perpetrados no terreno da sexuali-

dade e no âmbito da agressividade destrutiva. Kohut diz que a Psicanálise precisaria atentar mais para o que denominou “Homem Trágico” – bem mais manifesto depois da II Guerra do que o “culpado” na conflitiva freudiana dos neuróticos-padrão da *belle époque*. O “trágico” teria sido antecipado por Franz Kafka em personagens que não conseguem realizar o “Projeto Nuclear do *Self*”, o projeto singular de cada ser, como o arquiteto contratado para uma grande obra num castelo ao qual nunca consegue obter acesso (“O Castelo”). Ou como Josef K., que passa por ameaças jurídicas cujos motivos nunca são informados (“O Processo”). Ou como Gregor Samsa, desumanizado como um enorme inseto (“A Metamorfose”).

O narcisismo manifesto dos pacientes psicanalíticos dos anos 1950 em diante esconderia, na verdade, sérias deficiências na estruturação do “*self*” (sentimento de si próprio) devido à construção de uma autoimagem que acaba sendo mais friável do que estável – e uma autoestima que não chega a ser minimamente sustentadora. Talvez Bergman tenha intuído isso ao criar a personagem da atriz que se cala voluntariamente durante um espetáculo no mais intrigante de seus filmes, “Persona”, de 1966, cujo título significa “máscara”.

No roteiro, uma psiquiatra diz à atriz:

*“Não penses que não te entendo neste teu vão sonho de **ser**. Não atuar, mas ser, consciente a cada segundo. Mas há esse abismo entre o que és aos olhos dos outros e o que és em relação a si mesma. No abismo, essa vertigem do desejo ardente de revelação: ser finalmente compreendida, revelada, diminuída que seja, talvez até mesmo aniquilada no que eram cada gesto (uma falsificação), cada*

*entonação (uma traição), cada sorriso (um esgar). O papel de esposa, companheira, mãe, amante, qual foi pior? Qual te fez sofrer mais? Com mão de ferro, sustentar todos esses pedaços e conseguir manter os fragmentos unidos! Mas algo começou a falhar? Onde? Qual papel te deixou fora de si? Não foram os papéis das peças! Neles, tu conseguias postergar essa espécie de sentença. Eles te desculpavam de assumir os outros papéis, os da realidade. Mas sem aqueles papéis não tens mais onde te esconder, nenhuma desculpa mais. E ficaste assim, com essa ânsia de verdade, com esse teu desgosto... Suicidar? Não, isso é horrível, isso não se faz! Mas podes permanecer imóvel, podes ficar muda! Assim já não mentes! Podes criar uma cortina à tua volta, fechar-se nela sem precisar desempenhar um papel, exibir um rosto, fazer um gesto falso em que as pessoas acreditavam – o que é infernal... Mas teu refúgio não está suficientemente resguardado, a vida vai se infiltrar pelas mínimas fendas e te verá obrigada a reagir. Compreendo teu mutismo, tua apatia, tua inércia: um sistema fantástico e fantasioso. Compreendo e admiro: precisas conservar este papel até que deixe de ser interessante. Então, esgotada, poderás abandoná-lo aos poucos. Como abandonaste teus outros papéis.”*

Aqui, a vergonha tem outra configuração diversa da pressão superegoica da culpa: o que envergonha é a humilhação do verdadeiro *self* que não consegue se manifestar, encoberto pelo falso *self* e pelo aprisionamento à imagem que os outros fazem da pessoa.

**// Luiz Fernando Gallego**  
luizgallego@gmail.com



Vergonha (Shame), de Ingmar Bergman

## NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

**Assembleia Geral – 12/12/2022** – Homologações: qualificação como membro efetivo com funções específicas do Instituto: Admar Horn e Frida Atié; solicitação de desligamento do membro associado: Maria Eleonora Barbosa Mello.

**Assembleia Geral – 20/03/2023** – Homologações: Miguel Calmon para delegado FEPAL; Maria Esther Mihich para delegada de crianças e adolescentes FEBRAPSI; Marcela Ouro Preto para delegada de crianças e adolescentes FEPAL; Maria Helena Junqueira para delegada do Conselho Profissional FEPAL; Marina Magalhães Leitão Miranda para delegada FEBRAPSI; ingresso como membro convidado: Otelo Corrêa Santos Filho; qualificação como membro efetivo com funções específicas do Instituto: Margaret Waddington Binder e Marcela Ouro Preto; substituição de Maria Noel Brena Sertã por Marina Magalhães Leitão Miranda na secretaria do Conselho Científico; pedido de desligamento do membro associado extra-quórum Marília Daher da Silva Abreu e do membro efetivo Luis Gino Papini Ayala.

# NÓS SOMOS FEITOS DE NÓS



Na década de 90, cheguei ao Instituto para a aula inaugural.

Naqueles anos, as turmas começavam a formação com cerca de 20 alunos que, ao ingressarem, eram chamados de membros provisórios.

Entrei na Davi Campista acompanhada pelo meu avô que, na época, contava com 93 anos. Não era minha primeira visita à casa, mas, certamente, a parada mais importante até aquela data.

Após subir a estreita e espiral escada que levava ao auditório, no terceiro andar, ele foi convidado a se sentar na mesa da direção do Instituto.

Ao menos para mim, foi uma noite memorável, cheia de emoção e esperança na formação que se iniciava. Estava dada a largada no longo e paulatino percurso de tornar-se psicanalista.

Quase no final da cerimônia, pouco antes do coquetel que nos aguardava, a direção

do Instituto perguntou ao mais antigo dos membros presentes se ele gostaria de falar algumas palavras aos que ali chegavam.

Ao lado do público presente, recorro-me como se fosse hoje, senti vergonha e medo. Assustava-me a ideia de que meu estimado avô pudesse se delongar ou dizer qualquer coisa que abalasse meu narcisismo de forma contundente.

A vergonha, tema desse Intervalo, diz respeito à preocupação com o que o outro possa pensar sobre nós. No entanto, esse outro, majoritariamente, nada mais é do que nós mesmos.

Fato é que o Dr. João Côrtes de Barros foi sucinto e cirúrgico: de fala mansa e bem talhada, deu boas-vindas a todos e, sem titubear, falou da importância de aproveitarmos as oportunidades e experiências que seriam oferecidas pelo Instituto no campo da teoria e clínica psicanalítica. Na verdade, ele transmitia bem mais do que a simpló-

ria "boas-vindas"; esperava que ficassemos atentos para acolher todos os encontros, que nos posicionássemos abertos para a criação de maior sinergia entre nós.

Em suas palavras, disse:

"Não se furtem dos laços de amizade que surgirão dentro da formação, eles serão importantes para o percurso de cada um de vocês, serão uma ajuda importante nos momentos difíceis, amizades que seguirão ao lado, por uma vida".

Os anos se seguiram, uns não chegaram ao fim da formação, por falecimento ou desistência. Dos que permaneceram, alguns saíram da Brasileira, migrando para outras filiais à IPA.

Hoje, cá estou eu, certa de que aquele homem de vida longa tinha razão: fiz fraternos vínculos iniciados naquele coquetel, laços que me acompanham até hoje, sem previsão de desligamento.

Atualmente, na direção do Centro de Estudos Psicanalíticos, procuro manter a parceria viva com o Instituto e com outros departamentos a ele coligados.

Temos como premissa organizar e oferecer cursos e conferências, divulgar a Psicanálise e criar condições para aumentar a aproximação do público externo com o Instituto e com a instituição. Buscaremos criar espaços onde a vergonha de não saber e de aprender esteja suspensa, fortalecendo o desejo de troca e diálogo nos mais diversos campos.

Vamos promover encontros frutíferos que potencializem a Psicanálise e ampliem o alcance da sociedade civil ao universo psicanalítico.

Sigamos em frente!



Gustave Caillebotte. *The Park on the Caillebotte Property at Yerres (1875)*.

// Haydée Côrtes de Barros S.  
Pina Rodrigues

haydeepina1012@gmail.com





## Atrás das pernas da mãe

As relações sociais que permeiam o nosso dia a dia envolvem uma série de fatores, tais como tensões e conflitos próprios ao encontro entre subjetividades que nos compõem enquanto seres humanos. Relações que envolvem não apenas disputas e poder, mas, também, o prazer próprio ao intercâmbio e à experiência emocional, quando entramos em contato com o outro de forma franca e tolerante, fato que favorece os vínculos e o diálogo em sua profundidade. Dentro desse universo de interações que envolvem o nosso cotidiano, um dos fatos que me desperta a atenção é a forma como as crianças são introduzidas às formalidades do discurso social e, principalmente, a forma como respondem (ou não) ao chamamento do outro, desde situações mais prosaicas, como no próprio processo de análise, ao serem levadas pelas famílias aos nossos consultórios. Atrás das pernas da mãe, uma criança es-

conde o rosto e parte de seu corpo, em um encontro banal, desses de elevador, ao som de bossa nova em volume ambiente. A mãe, levemente constrangida diante do outro adulto, que insiste em chamar a atenção da criança: “Vem dar um beijo na tia, tá com vergonha? Acordou tímida, é?” A criança, envergonhada, aperta a perna da mãe e permanece com o rosto escondido até saírem do elevador. Tal anedota e suas variações são cenas comuns e que denotam como espera-se, em diversas ocasiões, que as crianças respondam, sempre de forma positiva e simpática, às demandas de atenção dos adultos que as cercam. Intrusões que desconsideram as crianças enquanto seres que sentem, pensam e, principalmente, também são dotadas de subjetividade.

A vergonha é um sentimento narcísico por excelência, ligado ao olhar de si em relação ao outro, e surge como um sinal de fragili-

dade indefesa da criança em relação a uma situação assimétrica para a qual não consegue lidar com os recursos que possui. Busca, então, as referências de confiança que estão perto, um olhar que lhe transmita o cuidado e o acolhimento necessários diante de momentos disruptivos. Diferentemente da culpa, a vergonha traz uma espécie de recuo narcísico como uma forma de sinalização de perigo da integridade do próprio *self* diante de uma intrusão, fato que mobiliza a criança e, em situações mais drásticas, pode gerar impactos profundos na subjetividade, como a instauração de formas de encobrimento mais severos, que enclausuram o sujeito em relações hierárquicas e o arremessam em uma forma de vida críptica, assombrada pela experiência de superficialidade e inutilidade.

// Daniel Senos

danielsenos@gmail.com



Fonte: <https://eravitoriana.wordpress.com/>



Fotografia: Raquel Sol &amp; Leo Melo©

# Nara Vidal

A coluna **Psicanálise & Cia** desta edição entrevista **Nara Vidal**, escritora e colunista da **Revista Claudia**, **SheTalks** e do **Jornal Rascunho**. Recebeu os **Prêmios Oceanos** e **APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte)**, tendo sido finalista do **Jabuti**. **Eva** é seu último romance.

## Por que você escreve?

Eu poderia elaborar em relação a isso, ainda que essa não seja uma questão na qual eu pense com frequência. Mas, se for refletir, acredito que seja porque a escrita é a maneira menos desastrosa que eu tenho de me expressar. Consegui identificar na escrita um meio de organizar e depois desorganizar as ideias, lançá-las a quem se dispuser a ler, ou seja, oferecer uma narrativa como proposta criativa. Mas há outro lado, que é o desejo de escrever. A sedução de nunca conseguir escrever perfeitamente me atrai pelo impossível. A escrita me proporciona a fantasia de produzir e criar e, por outro lado, me dá rasteiras impensáveis, me mostra que é uma atividade sempre em construção. Ou seja, uma forma que não chega a lugar nenhum. Escrevo pelo engano, pela tentativa, pelo desejo.

## Em *Eva*, você traz uma personagem marcada por abusos físicos e emocionais que começaram desde a relação com a mãe. Como a relação entre ambas moldou a personagem?

Há muitos elementos autobiográficos em *Eva*. As primeiras páginas ainda ecoam nas minhas memórias. Encontrar meu pai depois de nós dois termos perdido a minha mãe. Ele que ficou sem a minha mãe depois de ter crescido sem a própria figura materna. Há algo que nunca é falado em leituras do livro, mas *Eva* é, antes de ser um livro sobre a ausência dominante da mãe, um livro sobre o distanciamento do pai. Porque ainda que esse pai tenha permanecido, é a ausência da mãe que motiva a história. Em *Eva*, portanto, a relação entre mãe e filha

acaba sendo mais nítida porque é aquela sobre a qual elabora a narradora. Só fui me atentar para a tragédia que é a imagem da mãe que a nossa cultura impõe depois que eu fui mãe e queria continuar sendo uma filha, uma mulher, uma irmã. Ter sido reduzida e limitada a mãe – especialmente e por coincidência com o nascimento da minha filha aconteceu a morte da minha mãe –, foi um assombro. Passei a refletir sobre o que era necessário para que a minha identidade não fosse esquecida por mim. Ser reduzida a mãe de alguém me pareceu tão cruel que acabei rejeitando a ideia e só me vi como mãe meses depois do nascimento da minha filha. Antes disso, talvez eu vivesse um luto, um reconhecimento, uma desconstrução, não sei bem. A questão é que essa relação entre mãe e filha como sendo dois opostos ou dois lugares distintos não me parecia fazer sentido.

## A mãe da personagem viola a menina por meio da palavra, cujas marcas do feminino tenta apagar. Por que o desejo feminino é objeto de tanta violência, não somente a cometida pelo homem, mas pelas próprias mulheres?

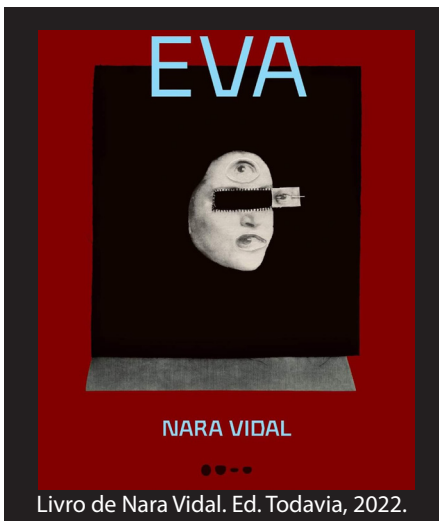
Se eu for buscar uma espécie de origem cultural, posso propor que a gente pense no livro de *Gênesis*. Ali, um Deus homem, impõe a ideia do feminino por meio da inferioridade. Alguém é feito da costela de alguém. Isso é claramente uma referência a poder. Depois, curiosamente, pensamos que tanto Adão quanto Eva desejaram aquela maçã. Digamos que os dois se deliciaram com a maçã. Mas para que Adão continuasse a se deliciar sem culpa e Eva

deixasse de provar frutas proibidas, ela foi punida por Deus. É Eva quem deve sofrer dores e é Eva que deve obedecer o seu homem. O desejo de Eva já deve ser, a partir daí, reprimido ou, se saciado, feito de culpa. Penso que o mundo como o vemos, conhecemos e perpetuamos é feito por meio de narrativas que as nossas culturas aceitam ou rejeitam. A cultura religiosa por meio da narrativa católica tem muitíssimo a ver com essa tentativa de silenciamento do feminino. O diabo no corpo é a mulher que deseja e que explora esse desejo. Quando isso é extrapolado, segundo a convenção patriarcal, essa mesma mulher passa a não ter mais valor. É uma mulher que fraquejou, indigna dos valores familiares e de Deus. Ouviu a carne, cedeu aos desejos – como se ouvir a carne e ceder aos desejos fosse repreensível. As mulheres que seguem a convenção precisam, portanto, se sentirem valorizadas pelos sacrifícios. Isso, naturalmente, faz com que repreendam as que seguiram à margem.

## Que lugar tem a vergonha em *Eva*?

A vergonha em *Eva* é a certeza do controle. Desde que o sexo, o prazer e o desejo sejam identificados e coletivamente pensados como vergonhosos, o feminino estará controlado. Novamente, faço referência à cultura ocidental cristã e ao catolicismo, esse imenso prejuízo à mulher. A ideia e a imagem da Virgem Maria são elementos dos mais perturbadores. Uma mãe que é virgem. Uma mulher que, para ter um filho, tem que esconder ou renunciar a qualquer ideia relacionada a sexo, ao desejo. A Virgem Maria, sendo o ideal de perfeição ma-

# "Nem Deus merece a nossa verdade".



terna, traz a combinação da pureza e ocultação do corpo. E para explicar o processo reprodutivo, a igreja prefere criar um espírito, algo distante da carne, a ter que reconhecer que Maria e José, com meu respeito às personagens, fizeram sexo.

O corpo da mulher é o que interessa, é o objeto, o tema. Das mulheres que questionaram a convenção ou que, simplesmente, não se encaixavam nela, temos as bruxas, as loucas e as putas. Todos os tipos são mulheres que escapavam da compreensão do patriarcado, que apresentavam imprevisibilidade e, por isso, inadequação e constrangimento à sociedade patriarcal. Eram queimadas, aprisionadas em sanatórios ou marginalizadas. Para valorizar a obediência, desvalorizar a subversão.

A vergonha em Eva há de ser um lugar, um dia, ultrapassado. Por isso falamos tanto, e ainda, sobre esses temas. Lembrar de não descansar. Nada é; tudo está.

**Há muito descrédito em relação à literatura feita a partir da experiência pessoal. No entanto, o último prêmio Nobel de Literatura foi concedido a Annie Ernaux, uma autora que mescla a própria experiência e a memória à grande História. Como você se situa em relação à autoficção?**

No caso da Ernaux, como questionar a qualidade daqueles livros? A linguagem, a estrutura narrativa, a voz tão potente são aspectos que muitas narrativas – a maioria delas – não conseguem oferecer.

Mas, para além disso, as Artes, a Literatura são campos amplos, sem regras temáticas ou estruturais e de total liberdade. Podemos escrever sobre o que quisermos. Podemos, inclusive, ser outra pessoa, e a ficção sempre nos justifica, acolhe ou perdoa. Na autobiografia, claro, vejo uma resistência. Ou seja, algo que proponha uma criação em estado puro, de distanciamento, estranhamento. Porém, a autobiografia não deixa de ser exatamente isso: quem, afinal, confia no escritor? Um relato nunca é fiel a nada, porque essa fidelidade deixa de acontecer assim que é transformada em narrativa. É a natureza da escrita. Isso quer dizer que toda história, seja ela real ou fictícia, é sempre memória, porque é contada. Os filtros, as modificações, a própria escolha da linguagem, da voz que narra, tudo isso são elementos não confiáveis e variáveis na Literatura. A única narrativa que deve ser fiel aos acontecimentos é a nossa prestação de contas diante de um tribunal. Nem Deus merece a nossa verdade.

**Freud não conseguiu responder a questão: o que quer uma mulher? Parafraseando o autor de "Além do princípio do prazer", eu pergunto: o que quer uma escritora?**

Eu não conseguiria responder a essa pergunta e nem a que desafiou Freud, porque são questões não apenas subjetivas e amplas; são coletivas. Como escritora, quero falar do trabalho que é escrever, quero que respeitem meu tempo e horário e que não se escandalizem com as questões de remuneração das minhas funções. Quero poder escrever mais, ler mais, quero ter mais tempo para não fazer nada. Só o ócio, o vagar, me dão, realmente, o tempo para criar. A cabeça vazia é mesmo a oficina do diabo. Quero ser mais vagabunda. Uma pessoa que trabalha com atividades que não sejam criativas, que tem um milhão de prazos, funções, que quando tem tempo livre quer descansar, dormir, morrer um pouco. Eu, como uma dessas pessoas que trabalha também com funções não criativas, gostaria de não fazer nada para poder fazer o que mais gosto de fazer, que é escrever. Talvez esse dia nunca chegue, e reclamar tem lá a sua beleza e espaço.

**// Tiago Mussi**

tiagofrancoh@gmail.com





# A trilha dos ninhos de aranha

Depois do fim da II Guerra Mundial, Ítalo Calvino, com apenas 23 anos, sentia-se compelido a falar, a contar, a expressar o que era a vida, as vidas, nas diversas Itálias. Neste que é seu primeiro romance, os dialetos estão assumidamente explícitos e as figuras humanas são hipérbolas, tanto nos aspectos físicos quanto nos psicológicos. Não queria falar de si, mas do povo, dos personagens que conhecera na guerra, dos companheiros de uma luta que ele mal soube lutar. Não queria falar de si; porém, como invariavelmente ocorre, terminou falando.

Era uma vez, em um povoado da Itália. Naquele tempo, havia o fascismo – naquele tempo. E havia também os partigianos, os civis que fizeram a resistência armada. Entretanto, atenção! A história, segundo o próprio autor, não faz nenhuma apologia sacerdotária e romantizada à Resistência, nem muito menos uma difamação do movimento. Calvino procura fugir do que a época demandava, uma literatura que criasse didaticamente o “herói-positivo”, o herói socialista. O livro é uma afronta. “Que importa quem já é herói, quem já tem consciência? O que temos que representar é o processo para chegar lá! Enquanto restar um único indivíduo aquém da consciência nosso dever será cuidar dele, e somente dele!”

Calvino conta uma história sobre a Resistência a partir da visão de uma criança descaçada e insolente, o menino Pin, que não entende as coisas dos adultos, mas que finge entender. A inferioridade do menino era a imaturidade de Calvino. A insolência de Pin, que provinha do mundo do crime e que, portanto, sentia-se cúmplice dos “fora-da-lei”, equivalia à intelectualização do autor à época. Tudo isso, evidentemente, descoberto e revelado a posteriori pelo próprio Calvino.

Paralela às histórias dos partigianos está a vida do próprio Pin. Um menino só, irmão da prostituta desleixada, órfão de mãe solteira, filho de pai marinheiro sumido, criança de voz rouca de menino velho, que atormenta os outros, que fuma cigarro, que zomba de crianças e de adultos, que conta fofocas em troca de tragos que o engasgam, mas de que finge gostar. Que trabalha para um bandido e que apanha do patrão até não poder mais. Um dia, Pin é incitado a roubar a arma do alemão que frequentava a sua irmã. O menino se mete na alcova, espera o momento em que o quarto inteiro geme e treme, e rouba a arma do alemão. Ele mesmo se assusta: alguém que tem uma pistola de verdade pode tudo com as mulheres e com os outros homens; até matá-los pode. Mas uma criança, e essa em especial, pode ir muito além. Pin passeia com a arma por suas têmporas, seus olhos, seu pescoço, sua boca, sua língua... Se quisesse, era só querer.

Pin resolve se apropriar da arma. Fará os outros entenderem que tem algo de forte e ameaçador e será respeitado por isso. Pin não é um menino qualquer. Pin não distingue o bem do mal. Pin gosta de caminhar pelas trilhas das aranhas e encontrar as suas tocas. Pin se diverte desmanchando os ninhos de aranhas, deixando os bichos desamparados. E depois ri até não poder mais, até se encher de tristeza.

Como alguns poetas, Calvino consegue penetrar e expressar os mais entranhados segredos da alma. Pin faz lembrar da criança de Ferenczi, aquela criança mal acolhida, privada de amor, que sofreu abusos e que foi exposta a intensidades tais que seu psiquismo imaturo não poderia acomodar, em que a pulsão tanática permanece à solta, carente de objetos que lhe favoreçam as ligações libidinais. Crianças acolhidas com rudeza e sem

carinho, disse Ferenczi, ou se deixam desaparecer por razões orgânicas ou crescem pessimistas e com aversão à vida.

Mas a vida tem muito de insólito e inesperado. Pin esconde a arma e se junta a um grupo de partigianos, participa de uma luta que, embora não fosse a sua, até por absoluta falta de entendimento, lhe confere um dos sentimentos mais humanos, profundos e estruturantes que alguém pode ter: o sentimento de pertencimento.

// Maria Noel Brena Sertá  
marianoelbrena@gmail.com

CALVINO, Ítalo. *A trilha dos ninhos de aranha*. Companhia das Letras, 2004. 1ª ed. [*Il sentiero dei nidi di ragno*, 1947]  
Tradução: Roberta Barni

